

## PROSTITUIÇÃO♦



Marcus André Vieira

Referência:

Vieira, M. A. Prostituição. In: Machado, O. M.; Ribeiro, V. L. A. *Um real para o século XXI*, Belo Horizonte, Scriptum, 2014, pp. 299-302.

Definida a prostituição de modo geral (por exemplo, trocar sexo por algum pagamento), a que título teria o psicanalista algo a dizer? Podemos refletir sobre o que faz a prostituta habitar a tal ponto sonhos e fantasias dos analisantes. Freud foi atento a isso. Descreveu como um homem pode construir castelos e pontes, desde que não confunda: em casa a santa mãezinha, na rua a prostituta. Aquela que permitiria a unificação da corrente da afeição com a da sensualidade, permanece no plano do contingente.<sup>1</sup>

O essencial, porém, é reconhecer o quanto a mãe concentra ambos os papéis, objeto primordial a ser elevado pela santificação ou rebaixado pela mercantilização.<sup>2</sup> Lacan generaliza e chama de normatização edípica esta promoção do objeto do desejo "quebrado em duas metades irreconciliáveis".<sup>3</sup> A partir dela a mãe perderá, oficialmente, seus poderes eróticos por apresentar-se submetida ao desejo do pai.

Boa parte das que virão serão herdeiras dessa mãe, "desposuída".<sup>4</sup> Algumas, porém concentrarão os poderes da corrente sensual dirigida originalmente à mãe, tal como Freud caracteriza a *prostituta*.

Ela se apresenta com a potência libidinal do objeto dos objetos. Contudo, o impossível gozo da mãe só se torna realidade através de seu rebaixamento. Não é apenas decorrência do pagamento, mas do crédito dado aos "componentes perversos" da sexualidade, em que *perverso* não define estrutura ou desvio sexual, mas parcialização.<sup>5</sup> A prostituta é uma parte da Coisa materna que a representa por metonímia, modo como Freud caracteriza o fetiche. Por isso, Lacan dirá que o falo "habita a prostituta".<sup>6</sup>

A equação prostituta-falo é clara na fantasia masculina do ato sexual com uma mulher dotada de pênis, que já levou tantos a buscar um travesti e tantos travestis à prostituição. Isso pode ir longe, porque a referência à figura feminina, ainda em cena no travestismo, pode até eclipsar-se. O falo, como na prostituição masculina, pode vir a concentrar em si todo o gozo do objeto.

Freud nos autoriza, porém, a ir além da fantasia masculina ao reconhecer na prostituição algo presente em "praticamente todos os seres humanos civilizados", que parecem possuir "aptidão uniforme para a perversão".<sup>7</sup>

Nesse sentido é preciso que sejam distinguidas, com Lacan, duas "perversões". Freud aproxima a prostituta não apenas da mãe fálica, da perversão masculina padrão, mas

---

♦ Publicado em *Scilicet – Um real para o século XXI*, Belo Horizonte Scriptum/EBP, 2013.

igualmente da perversão polimorfa da criança: "disposição" que "a prostituta explora em seu ofício".<sup>8</sup>

Na prostituição estão em ação, portanto, tanto a parcialização e clivagem do recalque, quanto a presença do sem-forma, remetendo a um gozo sem objeto pré-definido.

Não é a toa que W. Benjamin articula a figura da prostituta à dos portais em sua função de limiar [*Swelle*].<sup>9</sup> Assinala-se a passagem do regime do falo, do gozo parcial e limitado, ao objeto como informe, introduzindo um gozo suplementar, deslocalizado, chamado por Lacan de *não-todo*. Mesmo assujeitada à função do fetiche a prostituta guarda o segredo de uma exterioridade ao recalque.

Em tempos de ocaso paterno é necessário considerar o recalque e sua partilha entre amor e desejo sob o prisma de um "modo de adaptação à sobrevivência".<sup>10</sup> Ele faz as coisas funcionarem ao escoar o excessivo de nosso gozo na alternância entre ideal e dejetivo. Este seria, porém, apenas um dos variados modos de dar lugar, na espécie humana, ao desumano de seu gozo.

Teme-se que outros modos venham a prevalecer como, por exemplo, uma ordem de ferro substituindo o império paterno. De fato, assusta a tendência em tomar a castração, não em sua contingência essencial (em que quase qualquer objeto pode vir a encarnar o gozo), mas a partir de protocolos imaginários rígidos. Nos fundamentalismos vigentes, em vez de "toda mulher *pode ser* uma prostituta" ou "tem algo de...", assume-se que *ela o é* e que deve aceitar ter seu gozo, suplementar e fora da lei, restringido a cruéis procedimentos de castração.

Do lado do capital, para a estabilização dos objetos do desejo, apela-se à sua inclusão na infinita cadeia do consumo. O corpo, aqui, unidade mínima da propriedade privada, pode (e deve) ser transformado em mercadoria, donde a tendência a legalizar a prostituição. As mulheres, porém, sempre têm algo mais: o que calam, por exemplo. As fantasias eróticas que são levadas a viver, em sonho ou na realidade, tornam-se, então, *best-sellers*.

A questão para o psicanalista talvez seja justamente a de prosseguir tornando possível, para alguém, o silêncio. Não o do segredo ou do sagrado, mas aquele que cala sobre os mil sentidos de uma história por se sustentar em fragmentos de si tão singulares que resistem a serem publicados. É um discurso sem Outro a não ser, eventual e temporariamente, o analista. Uma análise talvez seja, assim, uma das poucas possibilidades para alguém, hoje, de guardar para valer seus segredos, dada a certeza ali aprendida de que não existirá a última palavra sobre o prazer. É o que sempre nos ensinaram as mulheres, sabedoras da desimportância dos tantos segredos de alcova diante da singularidade do gozo - sem palavras a não ser aquelas que só se ouvem quando não há ninguém preocupado em escutá-las.

---

<sup>1</sup> Freud, S. "Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor", *Edição Standard Brasileira*, Rio de Janeiro, Imago, 1971, vol. IX., p. 166.

---

<sup>2</sup> Miller, J. A. *Logicas de la vida amorosa*, Buenos Aires, Manantial, 1991, p. 27.

<sup>3</sup> Lacan, J. *O Seminário, Livro 5*, Rio de Janeiro, JZE, 1998, p. 339.

<sup>4</sup> *Ibid.*

<sup>5</sup> Freud, S. *Ibid*, p. 168.

<sup>6</sup> Lacan, J. *op. cit.*, *Livro 10*, Rio de Janeiro, JZE, 2001, p. 105.

<sup>7</sup> Freud, S. *Ibid*, p. 167.

<sup>8</sup> Freud, S. "Três Ensaio sobre a teoria da sexualidade". *Op. cit.* vol., VII, p. 196.

<sup>9</sup> Benjamin, W. *Passagens*, Belo Horizonte, UFMG, 2009 p. 535.

<sup>10</sup> Lacan, J. *op. cit.*, *Livro 19*, Rio de Janeiro, JZE, 2012, p. 77.

ASSOCIAÇÃO MUNDIAL DE PSICANÁLISE



# Um real para o século XXI

Scilicet

SCRIPTUM

Escola Brasileira  
de Psicanálise

Copyright © dos autores, 2014.

#### Diagramação

Fernanda Moraes e José Arnaldo Mendes | UTOPIKA EDITORIAL

#### Revisão

Luciana Lobato

#### Produção

Silvano Moreira

R288 Um real para o século XXI / Ondina Machado, Vera Lúcia Avellar Ribeiro, org. - Belo Horizonte: Scriptum, 2014. 455 p.

ISBN- 9788589044769

1. Psicanálise I. Machado, Ondina Maria, org. II. Ribeiro, Vera Lúcia Avellar, org.

CDU: 159.964.2  
CDD: 150.195.2

#### Editora Scriptum

Rua Fernandes Tourinho, 99  
Savassi | BH | MG | Brasil  
55 [31] 32 23 17 89  
editora@scriptum.com.br  
scriptum@scriptum.com.br  
www.livrariascriptum.com.br

#### Escola Brasileira de Psicanálise

Rua Felipe dos Santos, 588  
Bairro de Lourdes | BH | MG | Brasil  
55 [31] 32 92 57 76  
ebp@org.com.br  
www.ebp.org.br

MULHER (A)	Fleury Kravgor (EOL)	p.247
MUSEAL (Arquitetura)	Luís Salinas (ECP)	p.250
NATUREZA	Iarhan Gurgal (EBP)	p.253
NÓ	Piero Sciabino (ECP)	p.257
NÚMERO	Massimo Termini (SLP)	p.260
OBJETOS MAIS-DE-GOZAR	Luís Salmarone (EOL)	p.263
OLHAR	Marela Almanza (NEL)	p.266
ONTOLÓGICO / ÔNTICO	Philippe La Sagna (ECP)	p.269
PAI	Fernando Gómez Smith (NEL)	p.273
PAIS / CRIANÇAS	Félix Rueda (ELP)	p.276
PASSE	Anne Lysy (ECP)	p.280
PEDAÇOS DE REAL	Fernando Vitale (EOL)	p.283
POLÍTICAS DO REAL	Agnes Afalo (ECP)	p.287
PRIVAÇÃO	Maria Helena Lora (NEL)	p.290
PROCREAÇÃO (ÇÕES)	Maria do Rosário Coltur do Rêgo Barros (EBP)	p.293
PROGRESSO	Jesús Ambel (ELP)	p.296
PROSTITUIÇÃO	Marcus André Vieira (EBP)	p.299
PULSAÇÃO DE MORTE	Rosa Elena Manzotti (SLP)	p.303
PULSAÇÃO DE VIDA	Lieve Bilhet (NLS)	p.306
QUEER	Romildo do Rêgo Barros (EBP)	p.310
REAL	Maurício Mazzotti (SLP)	p.313
REALIDADE	Simone Sesto (EBP)	p.316
RELAÇÃO SEXUAL	Dominique Habiet (NLS)	p.320
RELIGIÃO	Yannis Dimitrakos (NLS)	p.323
REPETIÇÃO	Hilda Vittar (EOL)	p.327
RESTOS SIMTOMÁTICOS	Silvia Selman (EOL)	p.331
RISCO	Gustavo Dessal (ELP)	p.335
SABER	Samuel Basz (EOL)	p.338
SENTIDO	Ram Mandil (EBP)	p.342
SESSÃO CURTA	Laila Mahjub (ECP)	p.345
SEXUAÇÃO	Paola Francosoni (SLP)	p.349
SEXUALIDADE (Novas formas)	Oscar Ventura (ELP)	p.352
SHOAH	Philippe Benichou (ECP)	p.355
SILÊNCIO	Claudia Lijntsters (EOL)	p.358
SIMBÓLICO	Mayra Landivar de Hanze (NEL)	p.362
SINTHOMA MASDLAQUINO	Antonio Di Cincia (SLP)	p.365
SINTHOMA / PASSE	Luís Tudanca (EOL)	p.368
SINTHOME RULE	Rik Loose (NLS)	p.372
SINTOMA	Héctor Gallo (NEL)	p.375
SOLIDÃO	Fabían A. Napanstek (EOL)	p.378